**II° CAPÍTULO GERAL DAS MONJAS PASSIONISTAS**

Homilia da Celebração Eucarística de Abertura 3 de maio de 2025

Padre Giuseppe Adobati, CP

Querida Madre Presidente e queridas Irmãs, agradeço o convite para presidir esta celebração de abertura do seu 2º Capítulo Geral, no qual vocês serão chamadas a viver a escuta e o discernimento, em estilo sinodal, guiadas pelo Espírito Santo, para verificar e planejar sua Vocação, Vida e Missão.

Esse evento é celebrado durante o Ano Jubilar, um tempo de Graça especial para a Igreja, no qual todos os batizados são convidados a retornar à origem da Esperança Cristã, que é a Cruz de Cristo. Nós, Passionistas “já estamos debaixo da Cruz”, pois nossa Vocação nasce e se desenvolve a partir dela, com o compromisso de fazer Memória da Paixão, para nossa própria conversão e a do próximo. Mas essa nossa identidade carismática deve ser renovada com generosidade e confiança, como nos lembra o título do seu Capítulo: “Permaneçam enraizadas no meu amor”.

Hoje também se comemora a Festa dos Apóstolos Filipe e Tiago, aqueles que, como Paulo lembra na primeira leitura, “transmitiram e proclamaram o que haviam recebido”, ou seja, o Evangelho de Jesus Cristo “que morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ressuscitou segundo as Escrituras”.

Nós também somos chamados a viver essa “tradição apostólica”, recebendo e dando a fé como um dom gratuito, enraizado na história da salvação. Penso que vocês escolheram a abertura do Capítulo precisamente hoje, 03 de maio de 2025, para comemorar o dia 03 de maio de 1771, dia da fundação do primeiro Mosteiro Passionista em Corneto de Tarquinia (VT). Mas, por sua vez, essa escolha comemorou a Festa da Santa Cruz, como nos recorda Pe. Giovanni Maria Cioni: “Foi, portanto, escolhido para a função sagrada o dia 3 de maio, dedicado à Invenção da Santa Cruz, que caiu em uma sexta-feira, para que aquelas novas esposas do Crucificado pudessem se vestir de luto no dia da Santa Cruz e sempre se lembrar de que devem continuamente fazer memória dos amados sofrimentos do doce Jesus”.

Essa “data simbólica” lembra, portanto, o chamado de vocês à Memoria Passionis, figurativamente expresso no logotipo deste Capítulo Geral, que também faz alusão à visão que Lucia Burlini teve, muitos anos antes da fundação do Mosteiro de Tarquínia. Em seu testemunho, Lúcia escreve: “*pareceu-me estar no Calvário, onde vi Jesus Crucificado e aos pés da Cruz, multidão de almas que, como pombas viúvas, choravam o seu Esposo morto: uma limpava as feridas ensanguentadas; outra, com o bico, ajustavam parcelas da pele deslocada; estas sugavam junto à Cruz o sangue divino, embalsamando o seu coração; aquelas, como inocentes pombas; faziam seus ninhos em suas santíssimas chagas”.*

A visão mística de Lúcia Burlini, ocorrida em 1751, consolou muito São Paulo da Cruz por seu desejo de ter um Mosteiro Passionista, mas não o salvou de problemas e atrasos em sua realização, até que ele quase desistiu completamente. Mas a fé e a paciência do Fundador nunca falharam. Em 1770, ele escreveu ao Padre Tommaso Sagneri, referindo-se às dificuldades de fundar o Mosteiro: “Como as grandes obras de Deus sempre encontram grandes dificuldades e adversidades, então devo lutar um pouco mais, para que a maior glória de Deus possa brilhar e a grande obra possa ter uma base estável”.

O exemplo e a confiança do Fundador encontraram consonância nas primeiras onze Passionistas que, apesar dos atrasos e das incertezas, e também da extrema pobreza dos inícios, não recuaram, não entraram em crise, mas com um heroísmo impressionante iniciaram “a materialização” do Carisma da Paixão à maneira de uma vida monástica de clausura.

O exemplo dessas primeiras religiosas passionistas é um convite para que vocês acreditem no Carisma da Paixão e estejam de acordo em tentar levá-lo adiante em nosso tempo, sabendo que é possível e que é isso que o Senhor Jesus está pedindo a vocês. Certamente vocês também enfrentam problemas e dificuldades, mas com a Graça de Deus, com boa vontade e com a cooperação de todas, vocês serão capazes de viver seu chamado religioso, como atestam as suas Constituições:

n. 4 “Na Igreja, elas são chamadas para serem sinal do amor de Jesus Crucificado para com o Pai e para com os homens. Contemplam assiduamente o mistério Pascal de Jesus, “a maior e mais estupenda obra do divino amor”;

n. 6“Num mundo em que muitos não percebem, de modo algum, ou explicitamente rejeitam a íntima e vital união com Deus” (GS 19), as Religiosas da Paixão, por graça especial do Espírito, são chamadas a testemunhar o primado absoluto de Deus[[1]](#footnote-1). E àquelas que sentem aflorar, sempre mais vivo, o desejo da busca e do encontro com Deus, comunicam a experiência e o fruto da sua contemplação, em modo particular, ensinando a ter sempre viva a memória da Paixão de Jesus, nos limites e no espírito da Regra, segundo as várias circunstâncias e num estilo conforme à sua vida contemplativa”.

(Regras e Constituições Monjas CP, Segunda Parte)

A vossa vocação é, portanto, fortemente “apostólica”, porque visa não só a vossa santificação, mas também a cura dos homens e das mulheres do nosso tempo, atingidos pelas modernas “doenças” da superficialidade e do materialismo, oferecendo-lhes um itinerário de meditação sobre a Paixão.

A esse respeito, gostaria de assinalar que, há vários anos, vejo crescer em Roma (e creio que também em outras cidades) várias propostas de “meditação”, geralmente de caráter oriental, budista, zen, etc., apresentadas como fonte de bem-estar, reintegração, reconciliação. Não sei quantas pessoas seguem essas iniciativas, mas acredito que elas são um claro sintoma da necessidade das pessoas de hoje (que sofrem de ansiedade e insatisfação, são cada vez mais “desumanizadas”, violentas, raivosas...) de redescobrir sua própria identidade, de descobrir que são amadas por Deus Pai, redimidas por Jesus Cristo e, por isso, podem viver suas vidas com confiança e alegria.

Nós, Passionistas, temos uma proposta clara e forte para oferecer aos nossos contemporâneos, justamente através da meditação da Paixão, que ilumina o presente, dando calma, paz e motivação, mas acima de tudo nos coloca em contato com a vida de Deus, a vida eterna, conquistada para nós por seu Filho Jesus. “Estar aos pés da cruz, com o olhar fixo n'Aquele que foi crucificado por nós, faz com que a pessoa que contempla e chora experimente um inefável Pentecostes: ela sente o Espírito de graça e de consolação derramar sobre si mesma, sobre sua casa ou comunidade (cf. Zc 12,10). E o Espírito introduz a pessoa no mundo do divino. A vida monástica contemplativa vivida nesse nível não tem preço, é simplesmente sublime”.

Que o Espírito Santo, portanto, anime e guie esses dias de escuta, diálogo e discernimento, para que vocês também possam renovar sua adesão à Vocação e estar entre aqueles que experimentam a promessa de Jesus aos seus discípulos: “Em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará as obras que eu faço, e fará obras maiores do que estas, porque eu vou para o Pai”.

Que Maria Mãe das Dores e São Paulo da Cruz, nosso Fundador, sustentem o trabalho capitular de vocês para que, enraizadas na árvore da Cruz de Cristo, possam sempre viver e dar testemunho da Paixão de Jesus, que é “a maior e mais estupenda obra do Divino Amor”.

Amém.

1. cf. GS 21 [↑](#footnote-ref-1)